

ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO E A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

JULIANA SILVA DOS SANTOS¹; CALLEB RANGEL DE OLIVEIRA²; SIGLIA
PIMENTEL HÖHER CAMARGO³

¹*Universidade Federal de Pelotas – juh_1.msn@hotmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – kaka_rangel_@hotmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – sigliahoher@yahoo.com.br*

1. INTRODUÇÃO

Atualmente, cada vez mais alunos com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), que possuem comprometimento nas áreas do comportamento, comunicação e interação (DSM-V, 2014), estão sendo inseridos na escola comum. A disciplina de Educação Física é importante neste processo de inclusão, uma vez que possui objetivos que vão ao encontro das necessidades desses alunos, oportunizando seu progresso (CLARK, et al., 2005; TOMÉ, 2007; BEZERRA, 2012). Assim, levando-se em conta a importância desta disciplina para a aquisição de habilidades comunicativas, sociais e comportamentais em crianças e adolescentes com TEA, torna-se necessário investigar se a participação desses alunos nas aulas de Educação Física ocorre efetivamente, como se dá o processo de inclusão destes alunos nesta disciplina, bem como as dificuldades enfrentadas pelos professores de Educação Física em incluir estes alunos nas suas aulas, proporcionando uma participação efetiva.

2. METODOLOGIA

Para alcançar os objetivos propostos, foi realizado um estudo qualitativo de caráter exploratório. Para isso, foram realizadas entrevistas com roteiro semiestruturado com 16 questões norteadoras que foram aplicadas a 10 professores de Educação Física de escolas da rede pública do município de Pelotas (RS). Estes professores deveriam possuir alunos com diagnóstico médico prévio de Transtorno do Espectro do Autismo em suas turmas. Para a análise de dados, foi utilizada a técnica de Análise de Conteúdo (MORAES, 1999). As falas dos professores foram agrupadas em categorias, facilitando a análise e as inferências.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados obtidos foram organizados em 09 (nove) categorias e subcategorias para auxiliar na compreensão e análise. As categorias foram organizadas de acordo com características presentes nos alunos com TEA, forma de trabalho do professor e outros aspectos importantes, como questões que influenciam positivamente ou negativamente neste processo.

Dos 10 (dez) professores entrevistados, 04 (quatro) possuem mais de um aluno com TEA matriculado em suas turmas. Sendo assim, pensando em cada aluno com TEA, pode-se observar que 05 (cinco) professores afirmaram que seus alunos com TEA ou alguns deles, participam em algumas aulas ou atividades, mas que não é um hábito regular devido algum interesse do aluno por determinada atividade, motivação ou dificuldade de compreender as demandas exigidas nas aulas. No entanto, 04 (quatro) professores disseram que alguns alunos com TEA participam sim, em todas as aulas, porém, salientam que os alunos possuem algumas limitações por causa do transtorno e que realizam as atividades da sua maneira, no seu tempo. Ainda relacionado à participação, 02 (dois) professores relataram que alguns alunos com TEA não participam em nenhum momento das aulas, seja por dificuldades presentes no transtorno, como falta de interação social e comunicação ou também por desinteresse e desmotivação do aluno. Uma professora salienta que não consegue desenvolver a aula com o aluno e reconhece que um conhecimento maior e reflexão de suas práticas com pensamento de estratégias pode auxiliar com que o aluno venha a participar nas aulas.

Um fator que influencia na participação é a comunicação. Entre os 10 (dez) professores, 07 (sete) mencionaram que seus alunos se comunicam. Contudo, em alguns casos a comunicação não acontece regularmente e algumas crianças falam muito pouco.

Sobre planejamento de aulas e atividades, os professores são bem enfáticos em dizer que não costumam estruturar um roteiro de aula a seguir. Além disso, a Educação Física por ser uma disciplina que contempla atividades práticas em ambientes abertos exige uma constante adaptação dos professores, em função de clima, números de alunos e materiais. Por isso, 06 (seis) dos 10

professores entrevistados informam seguir uma ideia central de trabalho, mas procurando adaptarem-se as condições oferecidas no momento da aula. No entanto, apenas 03 (três) professores salientaram que realizam planejamento e ministram suas aulas de acordo com seu objetivo.

Quando questionados sobre o uso de estratégias para oportunizar uma participação maior e desenvolvimento de habilidades em seus alunos, 07 (sete) professores afirmaram que não utilizam, ou por não sentirem necessidade ou não conseguirem identificar alguma estratégia. Por não repensarem seus métodos de ensino, muitas vezes os professores perdem a oportunidade de estimular e desenvolver seu aluno com TEA. Contudo, observa-se que algumas práticas adotadas pelos professores não são compreendidas como estratégias.

Percebe-se que a ausência do uso de estratégias pode estar relacionada com algumas dificuldades dos professores, seja por falta de conhecimento ou por não conseguirem contornar características presentes em alguns alunos.

No entanto, apesar de ser um trabalho difícil, tendo em vista as características do transtorno, a formação dos professores e por não conseguirem atender as especificidades de todos os seus alunos, 05 (cinco) qualificam essa experiência como positiva e interessante, pois além de proporcionarem que seus alunos se desenvolvam, os próprios professores aprendem e tornam-se professores melhores. Além disso, ao perceber a evolução de seus alunos, os professores valorizam a importância da inclusão escolar e classificam como gratificante (FURTADO *et al.*, 2014).

A inclusão de alunos com TEA nas aulas de Educação Física pode produzir bons resultados, desde que seja bem explorada. Aproveitar a escola enquanto um ambiente rico para estimular e trabalhar seus alunos proporciona que todos, alunos e professores sejam contemplados (MENEZES, 2012).

4. CONCLUSÕES

Pode-se concluir que muitos alunos com TEA em situação de inclusão escolar participam ou têm condições de participar nas aulas de Educação Física. Esse aspecto reforça a importância da disciplina para essas crianças e adolescentes e o quanto devem ser estimulados pelos professores. Além disso,

observa-se uma preocupação dos professores em proporcionar uma inclusão efetiva e que isso acontece de forma lenta, mas com grandes avanços, como melhora no seu desenvolvimento, interação social e participação nas aulas. Identifica-se a dificuldade de alguns professores em pensar meios de adaptar atividades com o intuito de despertar o interesse e a motivação dos alunos em realizá-las. Diante disso, considera-se a importância de continuar estudando essas questões, pensando estratégias em conjunto com os professores e buscando alternativas para sua prática de modo que se possa auxiliar os alunos com autismo a ter uma participação e desenvolvimento mais efetivos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Manual diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais-: DSM-5. Artmed Editora, 2014.

BEZERRA, T. L. Educação inclusiva e autismo: a Educação Física como possibilidade educacional. 2012. Disponível em:

http://www.editorarealize.com.br/revistas/conaef/trabalhos/Comunicacao_206.pdf.

CLARK, G. E.; LORENZI, D. G. Students with autism in physical education. **VAHPERD Journal**, v. 27, n. 2, p. 11-14, 2005.

FURTADO, A. P. A.; MACHADO, M. S. B.; MENDONÇA P. U. M. S. A inclusão de crianças com autismo em uma sala de aula de ensino regular de fortaleza. 2014.

MENEZES, A. R. S. Inclusão escolar de alunos com autismo: quem ensina e quem aprende?. 2012.

MORAES, R. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

TOMÉ, M. Educação Física como auxiliar no desenvolvimento cognitivo e corporal de autistas. **Movimento e Percepção**, v. 8, n. 11, 2007.